

Antônio Gonçalves Dias: projetos e narrativas na construção de um poeta nacional



Antônio Gonçalves Dias.
2023, fotografia,
montagem (detalhe).

Andréa Camila de Faria Fernandes

Doutora em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro. andreamilaff@gmail.com

Antônio Gonçalves Dias: projetos e narrativas na construção de um poeta nacional

Antônio Gonçalves Dias: projects and narratives in the making of a national poet

Andréa Camila de Faria Fernandes

RESUMO

Este artigo, fruto das reflexões apresentadas no seminário Tessituras do Biográfico, ocorrido na Universidade do Estado do Rio de Janeiro em junho de 2025, procura analisar as relações existentes entre a fixação da obra e da memória biográfica do poeta maranhense Antônio Gonçalves Dias naquilo que pode ser chamado de identidade cultural brasileira, e a própria construção da ideia de identidade nacional brasileira, problematizando as escolhas e silêncios que perpassam essas construções que são, ao mesmo tempo, narrativas biográficas e históricas.

PALAVRAS-CHAVE: Gonçalves Dias; identidade; memória.

ABSTRACT

This article, the result of reflections presented at the seminar Tessituras do Biográfico, held at the State University of Rio de Janeiro in June 2025, seeks to analyze the relationships between the fixation of the work and biographical memory of the Maranhão poet Antônio Gonçalves Dias in what can be called Brazilian cultural identity and the very construction of the idea of Brazilian national identity, problematizing the choices and silences that permeate these constructions that are, at the same time, biographical and historical narratives.

KEYWORDS: Gonçalves Dias; identity; memory.



TES.SI.TU.RA

Substantivo feminino de origem etimológica no italiano, cujos significados, segundo um dicionário *online* são: “1. Disposição das notas musicais para se acomodarem a certa voz ou a determinado instrumento. 2. Conjunto das notas mais frequentes em uma peça musical, constituindo a extensão média na qual ela está inscrita. 3. Conjunto dos sons que melhor convêm a uma voz. 4. Disposição e união das partes constituintes de um todo; contextura, organização. 5. Textura ou composição do tecido”.¹

De música entendo pouco. Bem pouco. Sou daquelas que não compreende melodias e tampouco distingue notas e acordes. Música na minha humilde ignorância, é texto, é prosa, narrativa, poesia. São as letras, e não os

¹ Ver *Dicio*: dicionário *online* de português. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/tessitura/>>. Acesso em 10 jun. 2025.

sons, o que me tocam... Mas de tecido, e de contextos, entendo um bocadinho mais. E é por isso que escolho começar este texto pelo título do seminário que o originou para, a partir dele, chegar às minhas pesquisas individuais.

Tessituras. Tecido. Trama. Teia... o título do seminário me levou a mil conexões, que foram desde minha predileção pessoal pelo bordado e pela costura, nas artes manuais, à metáfora do tapete que Ginzburg evoca quando discute o olhar do historiador sobre seus objetos, a partir da variação de escalas proposta pela micro-história e pelo “paradigma indiciário”.²

Nesse sentido, tessituras do biográfico me remeteu, ao mesmo tempo, às muitas percepções possíveis no olhar sobre uma vida e ao complexo processo de (re)construção da “trama” de vida individual, no qual cada linha, cada ponto, conta na construção do todo. E no qual o zig-zague da costura, ou do contexto, nos permite refletir sobre projetos e possibilidades, sobre o que foi e o que poderia ser, mesmo que o “e se” não tenha lugar da narrativa histórica.

Assim, o título do seminário me remeteu, diretamente, ao meu próprio exercício de pesquisa. À busca por encontrar nas linhas e tramas da vida do poeta maranhense Antônio Gonçalves Dias, as conexões com a história de um Brasil em processo de formação e consolidação. Sem perder de vista que, por mais complexa e justa que seja a trama do tecido e da narrativa historiográfica construída a partir da análise de um objeto, não há resultado absoluto, não há completude. A trama do tecido, tal como a narração da trama de uma vida, sempre possui brechas. Nesse sentido, a opção pela abordagem biográfica na história significou reconhecer, como apontou Philippe Levillain, que “a biografia é o lugar por excelência da pintura da condição humana em sua diversidade”³, mas, ao mesmo tempo, que não há possibilidade de alcançar a totalidade do indivíduo, pois não há unidade no eu, nem totalidade na reconstrução de uma vida ou de um passado, pela narrativa histórica.

O que busquei com minhas pesquisas sobre o poeta maranhense não foi encontrar o seu eu absoluto, mas justamente as suas muitas versões, as suas versões contraditórias, as múltiplas identidades que nele se congregaram e que permitiram a construção do “personagem” que hoje conhecemos. Afinal, como nos lembra Durval Muniz de Albuquerque Júnior, “a biografia só terá sentido para o historiador se inventariar as diferenças constituintes do próprio indivíduo biografado, se encontrar, naquele que se diz um, muitos outros, se empenhar-se em marcar os momentos de descontinuidade e inflexão na vida que é contada”.⁴ É ainda Durval Muniz quem nos diz que “o biográfico é a mediação de um desvio, é a descrição de um processo de singularização, de um processo de subjetivação do social”.⁵ Assim, posso dizer que um dos meus objetivos, ao longo dos muitos anos de pesquisa, foi justamente mostrar os desvios no processo de criação da memória biográfica de Gonçalves Dias e

² GINZBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

³ LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René (dir.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 176.

⁴ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O significado das pequenas coisas: história, prosopografia e biografemas. In: AVELAR, Alexandre e SCHIMIDT, Benito Bisso (orgs.). *Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012, p. 31

⁵ *Idem*.

que, dessa forma, a biografia foi, ao mesmo tempo, meio e fim desse processo de pesquisa.

Nesse ponto, e lembrando a magnífica fala do professor Durval Muniz de Albuquerque Júnior, que tive a oportunidade de presenciar na Uerj, no dia 23 de maio de 2025, por ocasião do lançamento do seu livro *A pele da história*⁶, creio que cabe uma apresentação sobre os caminhos e descaminhos que me levam a estar a tantos anos refletindo e problematizando a trajetória pessoal do “meu querido Dias”; afinal, como nos disse o professor naquela noite chuvosa, “precisamos falar sobre o que sentimos nos arquivos, no acesso aos documentos, na pesquisa... porque nós gozamos nessa tarefa e é isso que nos move...”, mas também “porque nossos objetos são escolhidos por motivos muito mais profundos do que a gente imagina, e a gente só pode pesquisar aquilo por que temos paixão, aquilo que, de algum modo, nos afeta...” Dito isso, relembro rapidamente aqui minha afetação inicial por Gonçalves Dias.

Sobre o início dessa história...

Iniciei minhas reflexões sobre Gonçalves Dias lá pelos idos de 2007, ainda como estudante da graduação em História da Uerj. Naquele momento, tinha em mente que queria pensar a construção de uma identidade brasileira a partir de seus poemas, isso porque me incomodava o fato de que nosso maior poema, por assim dizer, – a “Canção do exílio” –, falava de algo que não era nacional, as palmeiras. Nesse ponto preciso explicar que eu pensava isso, como carioca que sou, pois associava o poema de Gonçalves Dias às chamadas palmeiras imperiais, aquelas da alameda das palmeiras do nosso Jardim Botânico, porque eram elas que me vinham a mente quando pensava em palmeiras, mas também porque estava habituada a ver suas imagens associadas ao poema. E que havia me surpreendido, quando era estudante de pré-vestibular, com a informação dada pelo meu professor de História, de que as palmeiras, as imperiais, não eram nativas do Brasil. O professor Felipe certamente não imagina o peso que a fala dele teve em minha trajetória profissional...

Hoje sei que meu incômodo era causado por um grande desconhecimento sobre nossa flora nativa e sobre o poeta maranhense e sua trajetória. De fato, o professor Felipe estava certo, as ditas palmeiras imperiais não eram brasileiras, mas as palmeiras cantadas por Gonçalves Dias, sim. O que eu também desconhecia, nesse caso até recentemente, já quando escrevia a tese que defendi em 2021⁷, é que o mote das palmeiras e sabiás, como tema fundamental para a poesia brasileira, já havia sido preconizado por Almeida Garrett. O letrado português defendia que os literatos brasileiros deveriam desenvolver uma identidade própria e, já em 1826, afirmara: “quisera eu que, em vez de nos debuxar no Brasil cenas da Arcádia, quadros inteiramente europeus, pintasse os seus painéis com as cores do país onde os situou. Oh! e quanto não perdeu a poesia nesse fatal erro! Se essa amável, se essa ingênu

⁶ Ver *idem*, *A pele da história: corpo, tempo e escrita historiográfica*. Petrópolis: Vozes, 2025.

⁷ Ver FERNANDES, Andréa Camila de Faria. *De esperançoso menino do Maranhão a poeta nacional: a consagração da memória de Gonçalves Dias*. Tese (Doutorado em História) – Uerj, Rio de Janeiro, 2021.

Marília fosse, como a Virgínia de Saint-Pierre, sentar-se à sombra das palmeiras, e enquanto lhe revoavam em torno o cardeal soberbo com a púrpura dos reis, o sabiá terno e melodioso”.⁸

Garrett não só lamentava a falta de brasilidade na literatura do árcade mineiro, como já destacava os elementos que, segundo ele, deveriam contribuir para demarcar a nossa cor local: as palmeiras e sabiás. Portanto, 20 anos antes da publicação dos *Primeiros cantos* de Gonçalves Dias, o nobre português já estabelecera o mote que daria fama perpetua à “Canção do exílio” do poeta maranhense – nossa terra deveria ter palmeiras e sabiás!

Gonçalves Dias produziu, assim, uma obra coerente com o que era esperado dos nossos literatos, o que sem dúvida nos ajuda a entender a sua fama. Nas palavras de Macedo Soares, “os ‘Primeiros cantos’ souberão chegar a propósito. Antes não terião sido compreendidos; depois, já não seriam novidade que despertasse a atenção do povo”.⁹ Se não havia adoção de elemento estrangeiro na “canção” de Gonçalves Dias, nem tampouco ineditismo, havia a coincidência da junção entre a capacidade literária do poeta, o momento histórico oportuno e, vamos além, uma trajetória de vida moldada quase que sob medida para conjugar todos estes fatores.

Mas, embora o *start* inicial para meu interesse em estudar a vida e a obra de Gonçalves Dias estivesse balizado em noções equivocadas, que foram logo jogadas por terra com a leitura da biografia fundamental, escrita por Lucia Miguel Pereira¹⁰, havia ali um interesse em entender como e por que aquele simples poema havia se plasmado tão intensamente em nossa identidade cultural.

O caminho percorrido de 2007 até agora foi longo. E foi percorrido seguindo as pistas encontradas naqueles que, de alguma forma, já haviam refletido sobre a vida e a obra de Gonçalves Dias, como símbolos de nossa identidade, antes de mim, como Maria Helena Rouanet e suas reflexões sobre a “presença” da “Canção do exílio” em nosso “Hino Nacional”.¹¹ E hoje o amadurecimento me permite dizer que, ao longo de todo esse tempo, o que me motivava era, em alguma medida, aquilo que o já citado professor Durval Muniz aponta como tarefa do historiador: os defeitos na memória.¹²

Mas preciso deixar claro que, ao pôr defeito na memória de Gonçalves Dias como nome de destaque da literatura brasileira, não procuro retirá-lo de seu posto. Ao contrário, acho que seu destaque é merecido. O que eu quero é apenas tentar entender como esse renome foi alcançado, pois talento literário,

⁸ GARRET, Almeida. A literatura portuguesa e os engenhos brasileiros. In: SOUZA, Roberto Acízelo de (org.). *Na aurora da literatura brasileira: olhares portugueses e estrangeiros sobre o cânone literário nacional em formação (1805-1855)*. Rio de Janeiro: Caetés, 2017, p. 23. Disponível em <<https://eduerj.com/?product=na-aurora-da-literatura-brasileira>>. Acesso em 21 maio 2020.

⁹ SOARES, Macedo. *Typos Litterarios Contemporaneos. Gonçalves Dias – Cantos, v. – Leipzig, 1857. Correo Mercantil, e Instructivo, Politico, universal*, edição 00005, Rio de Janeiro, domingo, 5 jan. 1862, s./p. Disponível em <memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=217280&pesq=macedo+soares&pagfis=19938>. Acesso em 4 jul. 2021. Observação: aqui e em outras citações congêneres, foi mantida a ortografia original.

¹⁰ Ver PEREIRA, Lúcia Miguel. *A vida de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.

¹¹ Ver ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido: a fundação de uma literatura nacional*. São Paulo: Siciliano, 1991.

¹² Ver ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história? In: MONTEIRO, Ana Maria et al. *Qual o valor da história hoje?*. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

embora importante, nunca pareceu condição única para a consagração de um escritor, especialmente no Brasil do século XIX. A persistência nesse tema foi motivada também pela minha incapacidade em compreender como um nome como o de Gonçalves Dias, que, além de poeta, foi também professor, etnógrafo, dramaturgo, crítico e cronista, figura tão pouco em nossos estudos históricos. É inegável que seu lugar de destaque está posto para os estudos literários, mas nos históricos isso ainda precisa ser ampliado.

Peço desculpar por toda essa *ego trip*, mas essas lembranças me parecem necessárias para tentar explicar como eu cheguei às reflexões sobre Gonçalves Dias, sua vida e sua obra, que compartilho agora com vocês. Como disse, meu trabalho, ao longo desses muitos anos, tem sido pensar como se construiu a identidade de Gonçalves Dias como poeta nacional. E, no meu entender, essa construção foi o resultado de dois processos, um primeiro, individual, que se demonstra num esforço pessoal de Gonçalves Dias em se construir como grande nome de nossa literatura, e um segundo, que se dá pela construção e consolidação de sua memória de poeta nacional a partir daquilo que foi escrito por seus críticos e biógrafos. Daí que eu tenha dividido minha tese em duas partes: “Gonçalves Dias por ele mesmo” e “Gonçalves Dias por outros olhares”. Nesse sentido, refletir sobre o menino chamado Antônio e sobre o nome do autor consagrado, Gonçalves Dias, era ponto fundamental.

Dito isso, preciso pontuar, ainda, que defendo que havia um projeto pessoal de Gonçalves Dias em ser reconhecido como poeta nacional. Daí o título deste texto: “Antônio Gonçalves Dias: projetos e narrativas na construção de um poeta nacional”. Defendo isso a partir dos relatos que ele nos deixou, como na carta à Alexandre Teófilo, seu melhor amigo, em que dizia explicitamente: “todo meu empenho, digo-te em segredo e todo cheio de vergonha, é ser o primeiro poeta do Brasil, e se houver tempo, o primeiro literato”.¹³

O projeto de um poeta nacional

Quando digo que ser o maior poeta nacional era um projeto de Gonçalves Dias, tenho em mente o conceito de projeto tal qual exposto por Gilberto Velho, na recuperação que o antropólogo faz do pensamento de Alfred Schutz, na qual projeto é “a conduta organizada para atingir finalidades específicas”.¹⁴ Segundo essa noção, um projeto só pode se concretizar a partir das interações de um campo de possibilidades que, ainda segundo Gilberto Velho, apresenta-se “como dimensão sociocultural, o espaço para formulação e implementação de projetos”.¹⁵

O que quero dizer é que o projeto de Gonçalves Dias de tornar-se o “maior poeta do Brasil” só pôde ser concretizado porque encontrou um campo de possibilidade que lhe era favorável. Assim, para que possamos compreender como Gonçalves Dias se tornou esse grande nome da nossa literatura não nos basta apenas examinar a sua obra. Sua produção literária tem, sem dúvida, grande importância nessa consolidação de memória, mas tal consoli-



¹³ DIAS, Antônio Gonçalves *apud* PEREIRA, Lúcia Miguel, *op. cit.*, p. 85.

¹⁴ VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, p. 40.

¹⁵ *Idem*.

dação não se explica apenas pelo seu talento. O que defendo é que esse talento talvez tivesse lhe valido muito pouco se suas produções e, de alguma forma também sua vida, não tivessem encontrado naquele momento, num país recém independente, um contexto que lhe permitisse florescer e fazer eco ao seu projeto de tornar-se o maior poeta do Brasil.

Dito mais claramente, esse projeto foi possível porque o poeta, de alguma forma, corporificou, em sua vida e em sua obra, os projetos de identidade brasileira que se delineavam no momento de sua estreia no cenário letrado. Portanto, buscar compreender como essa consagração significou trilhar um caminho que perpassou a análise de nossa construção identitária, num entendimento de que a ideia de nação brasileira e de poeta nacional tinham conexão mútua. E Gonçalves Dias parecia estar consciente disso; afinal, ao narrar sua vida, em nota autobiográfica, escreveu, “As províncias do norte do Brasil foram as que mais tarde aderiram à independência do Império. Caxias, então chamada Aldeias Altas no Maranhão, foi a derradeira. A independência foi ali proclamada depois de uma luta sustentada com denodo por um bravo oficial português que ali se fizera forte. Isto teve lugar à 1^o de Agosto de 1823. Nasci a 10 de Agosto desse ano”.¹⁶

Segundo Joël Candau, não podemos recordar um acontecimento do passado sem que o futuro desse passado venha a ser integrado à lembrança.¹⁷ Afinal, lembrar uma história é redimensioná-la e significá-la à luz das questões do tempo presente daquele que relembra o já vivido, pois “o tempo da lembrança não é o passado, mas ‘o futuro já passado do passado’”.¹⁸ Nesse sentido, toda recordação é, segundo o autor, tributária da natureza do acontecimento memorizado, do contexto passado desse acontecimento e daquele momento de recordação.¹⁹

De alguma maneira, podemos dizer então que Gonçalves Dias decidira proclamar-se como brasileiro desde o nascimento, identificando-se ao Brasil cuja imagem ajudava a divulgar e (re)construir, num exercício em que o presente e o futuro pesavam decisivamente sobre a memória do passado. Ele era brasileiro desde o nascimento, mesmo que ser brasileiro naquele momento ainda fosse algo em construção.

Mas olhar para sua construção autobiográfica não significa olhar apenas para a nota que escreveu à pedido de Ferdinand Denis, na qual, como vimos, relacionou claramente seu nascimento ao “nascimento do Brasil”, na menção à consolidação do processo de independência, em 1823, mas também olhar para suas cartas e para as pistas que podemos encontrar naquilo que chamamos de “estratégias editoriais”, como a nota à “Canção do exílio” em que ele diz: “quando eu compuz esta canção, ou como melhor se lhe chame, tinha visto apenas algumas das províncias do norte do Brasil”²⁰ (nota publica-

¹⁶ DIAS, Antônio Gonçalves *apud* MORAES, Jomar. *Gonçalves Dias: vida e obra*. São Luís: Alumar, 1998, p. 153.

¹⁷ CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 66.

¹⁸ *Idem*.

¹⁹ Ver *idem, ibidem*, p. 71.

²⁰ DIAS, Antônio Gonçalves. *Primeiros cantos*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1846, p. 9. Disponível em Brasileira Digital <https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4135/1/006342_COMPLETO.pdf>. Acesso em 26 jun. 2010.

da na edição original do poema de 1846 e que desaparece das edições subsequentes).

É desses registros autobiográficos que nasce, por assim dizer, a identidade do poeta nascido junto com o Brasil. Identidade que se consolidará com a ideia de poeta nacional a partir do esforço de seus críticos e biógrafos em reforçar que ninguém cantava nossa natureza e nossos indígenas tão bem quanto ele, já que era ele mesmo um “filho das três raças”. Afinal, como afirmou Afrânio Coutinho, “havia, enfim, algo de irredutível em Gonçalves Dias; a sua origem, o seu indianismo que ele não imitou de ninguém, e que outros jamais poderão imitar sem repetir”²¹; “com sangue índio no coração, não deixava de falar em causa própria”²².

Há que se pontuar, é claro, que a exaltação de Gonçalves Dias como o poeta nacional por excelência, como o nomeou José de Alencar, destaca sobretudo o poeta indianista. Deixa de lado o autor da *Meditação*, por exemplo, obra que entendo ser o “silêncio” que mais “grita” e põe defeitos nessa memória consolidada.²³ Nas palavras do autor de *Iracema*, “Gonçalves Dias é o poeta nacional por excelência; ninguém lhe disputa na opulência da imaginação, no fino labor do verso, no conhecimento da natureza brasileira e dos costumes selvagens”²⁴.

Por trás da exaltação e celebração de suas *Poesias americanas*, estava, em verdade, a lembrança de que ele era filho das três raças e, como tal, tinha ao mesmo tempo um direito e um dever de cantar a sua terra e a sua gente, fundando uma literatura verdadeiramente nacional. É com base em sua origem e nas obras que a celebram, mais do que tudo, que ele é incorporado definitivamente ao nosso patrimônio cultural.

Dito mais claramente, o Gonçalves Dias que se celebra é o cantor dos indígenas, mas não o da *Meditação*, até porque, mesmo que fosse interessante destacá-lo como filho das três raças, uma vez que já estava estabelecido que era essa combinação particular que “formava” o nosso povo, o mais conveniente, num Brasil escravista, era destacar o seu sangue português e indígena; o sangue negro era melhor esquecer. Sua exaltação, portanto, estava marcada também pelo “apagamento” de uma parte importante de sua e da nossa origem.

Mas o Gonçalves Dias que escreve *Meditação* é o mesmo que escreve a “Canção do exílio”. Não há contradição entre eles, até porque as “tramas” das duas obras fazem parte do mesmo contexto/momento. De um lado, o olhar saudoso para a terra pátria, que, além de refletir as saudades de um jovem poeta, refletia também o seu olhar sobre a temática que era preconizada para nossa literatura, literatura essa da qual ele almejava ser o maior nome. De outro, um olhar crítico sobre uma realidade política e social que distanciava a terra pátria do conjunto das nações ditas civilizadas, que fazia com que o jo-

²¹ COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*, v. I, tomo 2. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1955, p. 723.

²² *Idem, ibidem*, p. 672.

²³ Uma análise mais detalhada sobre esse aspecto, sobre esse silêncio que grita, na construção da memória de Gonçalves Dias, pode ser encontrada no segundo capítulo de minha tese. Ver FERNANDES, Andréa Camila de Faria, *op. cit.*

²⁴ ALENCAR, José de. Carta ao Dr. Jaguaribe. In: *Iracema: lenda do Ceará*. Rio de Janeiro: Typ. De Vianna & Filhos, 1865, p. 95. Disponível em <digital.bbm.usp/bitstream/bbm/4660/1/001783_COMPLETO.pdf>. Acesso em 5 maio 2021.

vem educado na Europa, desde cedo com um olhar voltado para o mundo, se sentisse estranho em voltar à terra natal, sendo um exilado em sua própria terra. Talvez não por acaso *Meditação* tenha sido escrita em Caxias, a terra natal que Gonçalves Dias afirmara que, apesar de “sua”, podia chamar de estranha.²⁵

Mas nem mesmo o tema da crítica ao sistema escravista poderia ser considerado despropositado ou fora de contexto. Lembremos que em 1831 já se ensaiara, sem resultados concretos, é verdade, uma proibição ao tráfico de escravos, proibição essa que teria maior resultado em 1850 com a lei Euzébio de Queiroz. Ainda que não possamos deixar de frisar que o alcance dessa lei não foi o que deveria ter sido, já que o tráfico interprovincial persistiu e a abolição da escravidão só se deu em 1888, não podemos deixar de ressaltar que sua promulgação coincidia com os quatro anos decorridos desde que Gonçalves Dias escrevera sua *Meditação* e com o ano em que a obra foi finalmente publicada. Os debates, portanto, estavam em cena, e Gonçalves Dias como homem de seu tempo, refletia-os.

Para Silvio Romero,

*O nosso Gonçalves Dias, no seu pugnar pelas ideias, pelo belo e pela glória, não foi nem um derrotado, nem um vitorioso desses que fazem o seu caminho por entre batalhas. Ele estava mais ou menos na altura de seu meio, de seu momento histórico, e esse momento era uma espera de entusiasmo e esperanças para este país. O poeta achou a fórmula própria dessas aspirações. Desse sincronismo entre o seu sentir e o sentir de sua pátria, num momento dado é que lhe vem o mérito e a natureza de sua glória: uma glória plácida e doce, sem ruídos; mas sem abatimentos e eclipses.*²⁶

Se o que mais persistiu de sua obra foram às saudades da terra pátria e os cantos indianistas, e não o clamor contra a escravidão, não consideramos que a causa disso tenha sido suas próprias escolhas. Na verdade, pelo que dele conhecemos e de seus esforços em torno da publicação de suas obras, consideramos mesmo que talvez seu objetivo inicial fosse que *Meditação* alcançasse o mesmo “sucesso” de seus *Cantos*. Se assim não foi, isso se deu, em nosso entender, porque a identidade autoral de Gonçalves Dias que encontrava terreno fértil para ser celebrada era a de poeta lírico, de cantor dos indígenas, e não do brado contra a escravidão.

Seja como for, entendemos que a fixação de seu nome e de sua obra em nossa memória cultural foi desdobramento dos juízos emitidos pelos seus críticos desde o momento imediato à publicação de sua primeira obra. Afinal, não podemos esquecer que, ao fazer a apreciação dos *Primeiros cantos*, em 1847, Alexandre Herculano consagrara defini-

²⁵ Em carta ao amigo Alexandre Teófilo, de maio de 1845, o poeta queixava-se por estar em Caxias, sem receber correspondências do amigo, e dizia: “sozinho, em terra que, apesar minha, eu posso chamar de estranha, é-me preciso falar”. DIAS, Antonio Gonçalves. Correspondência ativa de Antonio Gonçalves Dias. *Anais da Biblioteca Nacional*, v. 84, Rio de Janeiro, 1964, p. 38 (impressão de 1971).

²⁶ ROMERO, Silvio *apud* MONTELLLO, Josué. *Para conhecer melhor Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1973, p. 39.

tivamente Gonçalves Dias ao afirmar que com seu livro nascia a literatura brasileira e morria a literatura portuguesa.

Em artigo escrito em novembro de 1847 e publicado na *Revista Universal Lisboense*, Herculano afirmara:

*Bem como a infância do homem a infância das nações é vívida e esperançosa; bem como a velhice humana a velhice delas é tediosa e melancólica. Separado da mãe pátria, menos pela série de acontecimentos inopinados, a que uma observação superficial lhe atribui a emancipação, do que pela ordem natural do progresso das sociedades, o Brasil, império vasto, rico, destinado pela sua situação, pelo favor da natureza, que lhe fadou a opulência, a representar um grande papel na historia do Novo Mundo, é a nação infante que sorri: Portugal é o velho aborrido e triste que se volve dolorosamente no seu leito de decrepidez.*²⁷

O artigo do letrado português, que deveria ser um elogio ao livro de Gonçalves Dias e ao brilhantismo e esperança que ele identificava no Império do Brasil, acabava, na verdade, se convertendo mais em uma dura crítica à nossa antiga metrópole que, segundo ele, se apresentava como uma velha consumida por vícios e decrepitudes. Ao finalizar sua crítica, Herculano afirmava não conhecer Gonçalves Dias e que suas palavras elogiosas haviam sido inspiradas pelo coração e pela simpatia que o livro lhe provocara, mas a crítica foi decisiva para a visibilidade alcançada pelo poeta maranhense. Para José Henrique de Paula Borralho, “a repercussão do artigo de Alexandre Herculano nos jornais do Império foi imediata e pesou decisivamente para a visibilidade e dizibilidade do cantor timbireense e de sua utilização pelo Império brasileiro dentro do projeto criador da nação”.²⁸

Num momento em que a nação se construía e se firmava, receber a declaração de independência literária pelas mãos de um dos mais aclamados homens de letras da antiga metrópole certamente se revestia de um aspecto mais do que simbólico; havia no ato uma dimensão política. Com a exaltação de Gonçalves Dias feita por Herculano, o Império brasileiro não era mais apenas independente politicamente: ganhara o aval para ser autônomo em sua literatura e história. E não seriam justamente essas duas esferas as principais responsáveis pela construção da nação, nos termos de instituir e significar uma autêntica cultura nacional?

Não queremos aprofundar aqui reflexões sobre os motivos que levaram o letrado português a emitir um juízo tão taxativo, mas é inegável que a exaltação do jovem poeta maranhense significou, em grande medida, a possibilidade de garantir que tínhamos uma literatura genuinamente nossa e que essa literatura, uma vez que também recebia a consagração estrangeira, nos permitia figurar no conjunto das “grandes” nações.

Consagrar Gonçalves Dias foi, de algum modo, um mecanismo de consagração do “ser brasileiro”. Simbolicamente, os títulos de suas obras pareceram contribuir para essa consagração; afinal, a ele não coube escrever

²⁷ HERCULANO, Alexandre. Futuro literário de Portugal e do Brasil. In: DIAS, Antonio Gonçalves. *Poesia e prosa completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998, p. 97.

²⁸ BORRALHO, José Henrique de P. *A Athenas equinocial: a literatura e a fundação de um Maranhão no Império brasileiro*. São Luís: Edfunc, 2010, p. 279.



os *Suspiros*, ou qualquer outro título elaborado, mas simplesmente os nossos *Cantos*. Cantos dos quais o eco mais simbólico é certamente a “Canção do exílio”.

Antônio Carlos Secchin, por exemplo, considerou-a o “marco zero” de nossa identidade, pois, se “A carta de Pero Vaz emitiu nossa certidão de nascimento”, a “Canção” simboliza a carteira de identidade. Certidão emitida por um outro, pela instância paterna, enquanto a carteira corresponde ao gesto autônomo da afirmação adolescente do sujeito”.²⁹ A metáfora, além de excelente, nos confirma que hoje não há poema mais consagrado como representante de nossa identidade nacional. Quase poderíamos dizer que a “Canção do exílio” é um dos nossos “lugares de memória”, para lembrar aqui Pierre Nora³⁰, pois ela nos lembra de nossa identidade, construída em oposição ao outro, mas que hoje já não é mais uma questão, pois está consolidada. Somos a terra das palmeiras, onde cantam os sabiás.

Seja como for, neste ano de 2025, ano em que lembramos o bicentenário do reconhecimento final de nossa independência política, por parte de nossa antiga metrópole, repensar nossa construção identitária e cultural, a partir de uma trajetória individual como a de Gonçalves Dias, tem ainda sua atualidade.

Gonçalves Dias e a “Canção do exílio”: biografia, memória e história

Problematizar as tramas e teias que compõem e interligam indivíduos e contextos é, também, fugir da ilusão biográfica e lançar luz sobre as falsas naturalidades que emanam das vidas já consagradas. O crítico Macedo Soares, em seu *Typos Litterarios Contemporaneos*, afirmou: “Feliz o artista que consegue incarnar em suas obras o pensamento sublime do espírito nacional! Sua fonte há de receber das mãos do Povo a coroa triumphal, [...] elle terá por patrimonio a gloria, e seu nome será recordado como o symbolo de uma grande época”.³¹

“Símbolo de uma grande época”, talvez este seja um epíteto que possa ser usado ao mesmo tempo para o autor e para a obra, isto é, para Gonçalves Dias e para a “Canção do exílio”. Afinal, com mais ou menos debate, a memória do poeta foi consolidada como um dos maiores nomes de nossa literatura, permitindo que, ainda em vida, o poeta visse concretizado seu projeto de ser o maior poeta do Brasil.

Ele foi considerado não apenas nosso maior poeta, mas o criador de uma nova categoria, a do nosso romantismo indianista, ou indianismo literário. Sua “Canção do exílio” tornou-se uma espécie de categoria independente e segue até hoje sendo repetida e parafraseada, dando ecos a um projeto de identidade nacional que, mesmo que não percebamos, segue sendo constantemente ressignificado.

²⁹ SECCHIN, Antonio Carlos. *Percursos da poesia brasileira: do século XVIII ao século XXI*. Belo Horizonte: Autêntica/Editora UFMG, 2018, p. 62.

³⁰ Ver NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, n. 10, São Paulo, dez. 1993.

³¹ SOARES, Macedo, *op. cit.*, s./p.

Para críticos como Nogueira da Silva, parte do motivo da consagração do poeta se deve ao fato de que ele iniciou com suas obras uma nova literatura, uma literatura genuinamente brasileira, que daquele momento em diante serviria de exemplo a todos que buscassem trilhar o caminho das letras no Brasil. Em suas palavras, “Gonçalves Dias marca assim o início da nossa verdadeira renovação literária, assinalando com o seu primeiro volume novas tendências da poética nacional e só então criando de fato o que se convencionou chamar, nos tratados de história literária, de poesia brasileira”.³²

Agripino Grieco, em sua historicização do romantismo brasileiro, e buscando valorizar Gonçalves Dias, afirmou: “É pena que hoje quase não leamos Gonçalves Dias”.³³ Segundo ele, cujas palavras são do início do século passado, mas bem poderiam ter sido ditas nos dias de hoje, não lemos Gonçalves Dias porque “julgamo-nos quites com o portentoso escritor, porque demos o seu nome a uma rua de péssima arquitetura e porque lhe erigimos um péssimo busto no Passeio Público”.³⁴ Grieco criticava, portanto, não apenas o fato de não o lermos, mas também o fato de considerarmos que não havia nisso problema, uma vez que ele já estava eternizado e homenageado em nossa memória cultural. Ainda segundo ele, “citamos-lhe muito o nome e não o lemos: respeitamo-lo de longe, sem tocar nele”.³⁵

Não podemos deixar de concordar com o reconhecido crítico. Sem dúvida, Gonçalves Dias é daquelas figuras que parecem plasmadas em nossa memória cultural, mas, quando analisamos essa memória mais de perto, percebemos que ela, ao invés de nos aproximar dele, nos distanciou. Eternizamos os versos da “Canção do exílio” em nosso “Hino Nacional”. Repetimos e parafraseamos seus versos aqui e acolá, mas pouco sabemos do autor. Cultivamo-lo de longe, sem tocar nele.

Nesse sentido, meu trabalho tem a aspiração, talvez pretensiosa, de tornar Gonçalves Dias mais próximo a nós. De permitir aos que se debruçam sobre essas páginas conhecê-lo um pouco mais, para, talvez assim, despertar mais interesse sobre o homem e sua obra, pois até consideramos que sua obra vive em nosso imaginário cultural, mas entendemos também que o que dela mais conhecemos é apenas uma pequena parte do conjunto da produção do poeta. Conhecemos a “Canção do exílio”, “I Juca-Pirama” e “Marabá”, mas ignoramos a *Meditação*, *Beatriz Cenci* e tantos outros escritos. Apesar disso, ele segue como figura imortal em nossa memória cultural.

O próprio Gonçalves Dias, ao comentar o episódio de sua falsa morte, em 1862, afirmou em seu costumeiro tom de zombaria sobre a própria vida: “É mentira! não morri! nem morro, nem hei de morrer nunca mais – Non omnis moriar! – como diz o mestre Horácio”.³⁶ E, de fato, se procurou ao longo de sua vida construir seu nome de forma a realizar o projeto de ser o primeiro poeta do Brasil, alcançou seu objetivo perpetuando sua obra e sua memória em nosso imaginário cultural. “Canção do exílio” tornou-se uma espécie de

³² SILVA, M. Nogueira da. *Gonçalves Dias e Castro Alves*. Rio de Janeiro: A Noite, s./d., p. 11.

³³ GRIECO, Agrippino. *Obras completas de Agripino Grieco: evolução da poesia brasileira*, v. 2. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947, p. 24.

³⁴ *Idem*.

³⁵ *Idem*.

³⁶ DIAS, Antonio Gonçalves. *Correspondência ativa de Antonio Gonçalves Dias*, op. cit., p. 330.

lugar de memória, e o poeta filho das três raças quase que um mito fundador de nossa literatura. Se suas ações não foram as únicas responsáveis por esse “sucesso”, também não podem ser desprezadas quando problematizamos esse processo, como procuramos demonstrar.

Como afirmou Terry Eagleton em seu estudo sobre a teoria da literatura, “surgimos, como sujeitos, de dentro de uma realidade que nunca podemos objetivar plenamente, que abarca tanto ‘sujeito’ quanto ‘objeto’, que é inesgotável em seus significados e que nos gera tanto quanto nós a geramos”.³⁷

Diante da ideia sedutora de buscar revelar o momento em que um homem descobre que é, diríamos que tal momento é impossível de ser localizado, porque somos o resultado do sujeito e do objeto, da ideia e da essência de quem se é. O Gonçalves Dias que conhecemos, ou seja, o indivíduo consagrado, é o resultado do menino cheio de esperanças que vai estudar em Portugal, do autor da “Canção do exílio”, do sujeito biografado e também de sua fortuna crítica. A unidade desse eu é composta por todos esses elementos, e talvez por mais alguns, sem que possamos definir o exato momento em que ele se tornou quem é. Seja como for, morrendo nas águas maranhenses, nosso poeta não sucumbiu ao *lete*, o rio do esquecimento e, nesse sentido, enquanto suas palavras forem “ouvidas”, ele não morrerá jamais.

Isso nos leva a dizer, de forma imprescindível, que o que pretendemos não foi produzir o estudo definitivo sobre a memória de Gonçalves Dias. Não tínhamos tal pretensão e não julgamos mesmo que tal estudo seja possível. Tal como uma biografia, como afirma Dosse, se mostra sempre incompleta, não importando o quantitativo documental que ela mobilize, já que é impossível saturar o significado do relato de uma vida³⁸, o mesmo se deu aqui. É ainda o autor francês quem nos lembra que uma biografia intelectual “não tem por objeto o homem, o meio e a obra, mas um conjunto ilimitado de interações entre todos esses níveis; ela é, no sentido próprio, interminável”.³⁹ Portanto, devemos finalizar este artigo dizendo que, se o que até aqui expus for capaz de fomentar novos debates sobre a vida e a obra do poeta, já darei meu objetivo por concluído, pois Gonçalves Dias merece e deve ser lido.

Dito isso, finalizo minhas reflexões deixando ecoar aqui as palavras do próprio Gonçalves Dias:

Esta gente que se dá comigo não sabe que independência que eu tenho na minha vida, nos meus atos e nas minhas opiniões: não queira Deus que eles o saibam nunca, porque eu exagerei tudo – sempre nos extremos ou muito condescendente, ou muito imprudente: odeio ou amo com extremo, – e será terrível o dia em que eu tiver de mostrar, em algum ato solene, entende-se, que por baixo desta máscara de cera que todos me veem, há uma vontade inflexível – uma estátua de ferro. Dize-me há muita gente tua conhecida que tenha afrontado mais obstáculos, que tenha começado e progredido na sua carreira com mais paciência, com mais tenacidade do que eu? – Mas isto é para ti que me conheces; para os outros é tudo muito natural: é muito natural que eu indo à

³⁷ EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 95.

³⁸ Ver DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 375.

³⁹ *Idem, ibidem*, p. 403.

*Coimbra seja Bacharel, que eu sendo brasileiro esteja no Rio de Janeiro, e que enfim eu faça versos tendo nascido poeta: ó santa natureza!*⁴⁰

Artigo recebido em 31 de agosto de 2025. Aprovado em 2 de novembro de 2025.

⁴⁰ DIAS, Antonio Gonçalves. Correspondência ativa de Antonio Gonçalves Dias, *op. cit.*, p. 90 e 91.